O Periódico Francês *Le Monde* como Palco da Crise entre Estado e Esfera Pública[1]

Edu JACQUES[2]
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O seguinte artigo toma a situação do jornal Le Monde como exemplo para discussão da dicotomia entre os meios de comunicação e esfera política. Exatamente essa inter-relação pode afetar a qualidade das informações e, inclusive, a quantidade delas, em virtude da reflexão mútua que os veículos empregam na busca por audiência. Ao breve histórico do desenvolvimento daquele periódico encontram-se interpretadas as motivações do presidente francês, Nicolas Sarkozy, ao se manifestar durante o processo de venda do veículo, e são levantadas hipóteses sobre o que seria uma associação entre poder político e imprensa, esta última admitida criticamente a propósito da função de fiscalização que historicamente se incumbe ao jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; ideologia; esfera pública; indústria cultural

1. INTRODUÇÃO

A crise econômica pela qual o jornal francês Le Monde passou representa um fato repleto de significações para o estudo comunicacional. Por ser um veículo com visão de mundo definida – até agora alheio ao modelo de jornalismo estado-unidense que também fora adotado no Brasil – o histórico daquele periódico serve de material para trabalhos sobre comunicação política. O texto busca esclarecer a formação do diário ao longo de seus 66 anos e apontar hipóteses sobre as conseqüências do envolvimento do presidente francês, Nicolas Sarkozy, contrário a venda do jornal a investidores com ligações a grupos de esquerda.

Para situar a análise é preciso antecipar a noção de ideologia. Tendo-se esvaziado em virtude de suas utilizações indiscriminadas, o termo não se furta mais, como no sentido original, a designar um conjunto de idéias. Para John Thompson ela encerra uma relação de dominação. Mas o autor atravessa os escritos marxistas a respeito, e entende que não nos referimos a um embate apenas entre classes. No parecer de Thompson (1995, p.77) a ideologia está contida nas formas simbólicas, isto é, nos signos linguísticos e não-linguísticos de ações, falas, imagens, textos. Não obstante,

[1] Trabalho submetido ao grupo Intercom Júnior - Jornalismo do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Estudante de Graduação do 7º semestre de Jornalismo na Ucpel, e-mail: edu.jacques@gmail.com.

esses construtos sejam estruturados no meio social e, portanto, atribuem a um grupo certo poder, esse poder será caracterizado como expediente ideológico contanto que suporte relações assimétricas com outros indivíduos. É fundamental para assimilar o fenômeno em sua totalidade que se avalie o período histórico em que está inscrito, tanto da formulação quanto da leitura.

O lingüista russo, Mikhail Bakhtin, apontava que cada grupo social possuía seu repertório de signos, no entanto a língua seria a mesma dentro de determinada nação. Por isso emergiria desse conflito a arena da disputa ideológica, reduzida por ele à modalidade de confronto entre antagônicos (apud RÜDIGER, 1998: p. 73). A partir de tal assertiva implicava-se o conhecimento da mutabilidade das formas simbólicas, conduzidas pela vida humana, mais especificamente o modo de produção em vigor e as estruturas semióticas da comunicação social.

2. **LE MONDE**

Na França do pós-guerra, o presidente Charles de Gaulle coordenou a reforma da imprensa no intuito de esvaziar o sentido conferido a ela pelos desdobramentos do embate político e militar. Excetuando-se três jornais[3], a operação dos veículos havia sido revogada. De Gaulle incentivou, então em 1944, a criação do Le Monde, sob a ordem do jornalista Hubert Beuve-Méry, que gozava de certa popularidade após ter trabalhado no antigo Le Temps. Em comum com esse jornal o Le Monde dispôs ainda de um pequeno corpo de repórteres contratados por Beuve-Méry e das máquinas de impressão, abandonadas à época.

De acordo com Benson (2004) sucederam-se quatro períodos demarcáveis até a formação do Le Monde atual. Segundo a primazia que cada processo tomou ele propôs a divisão por: controle jornalístico, engajamento político, informação apurada e rigidez de estilo.

Num acordo tácito para manter sua autonomia e aprovação diante dos colaboradores do periódico, Beuve-Méry permitiu a participação dos jornalistas em 28% dos lucros. A estratégia garantiu a hegemonia desse que foi o único editor-chefe até 1969. Jacques Fauvet foi eleito seu sucessor. Muito embora o jornal nunca houvesse deixado de reafirmar suas convicções políticas para muito além do que seus concorrentes publicavam, foi a partir de Fauvet que as matérias se inclinaram ainda

[3] Os jornais que tiveram licença concedida para funcionar depois da Segunda Guerra foram o comunista *L'Humanité*, o católico *La Croix* e *Le Figaro*.

mais ao conceito de esquerda política. Já se destacava a composição do conselho administrativo do Le Monde, posto que intelectuais da esquerda cristã não raro o compunham. A exemplo de Michel Houssin, ex-diretor geral da La Vie catholique ilustrée[4]. Entretanto, sob o comando de Fauvet a linha editorial se aproximou do Partido Socialista. Junta-se a isso o fato de uma nova geração de jornalistas terem ingressado no veículo, alguns participantes ativos nos protestos estudantis de 1968. Esse comprometimento da imprensa francesa com ideais políticos situa-se na esteira do que foi colocado por Traquina (2005). Segundo ele o direito à opinião se torna um valor inalienável através da Declaração do Homem e do Cidadão, aprovada ao término da Revolução Francesa, em 1789. Ademais, os jornais desse país tiveram dificuldades em se desvencilhar, no século XIX, das instituições partidárias e assumir a auto-suficiência.

Em 1981 Le Monde apoia o candidato à presidência François Miterrand, expoente da esquerda que acaba por vencer o pleito. A associação direta com política faz o jornal perder leitores. Ao mesmo tempo começa a se popularizar um concorrente direto, o Libération. O baque força a linha editorial a recuar até o quadro anterior, de apoio à esquerda cristã. O conteúdo essencial veio logo a afirmar-se em torno de matérias mais elaboradas, com informações precisas, a despeito da peculiaridade da imprensa francesa em privilegiar análises.

O estilo repetidas vezes chamado de acadêmico marcou o ingresso na última década do século XX. O discurso complexo só seria repensado com o princípio da crise econômica, notadamente apressada pela perda de anunciantes para a televisão e baixa taxa de renovação do público. O recente anúncio de compra por um trio de empresários modifica o desenvolvimento dessa história, como veremos a seguir.

3. **CRISE DA MÍDIA IMPRESSA FRANCESA**

A reestruturação europeia após a Segunda Guerra mundial possibilitou um momento de relativo sucesso para os meios de comunicação impressos. Somente na década de 60 o Le Monde passaria da circulação de 182 mil exemplares para 355 mil em 1969 (BENSON, 2004). Na mesma época passava da metade a receita proveniente de anúncios. A contenção dos custos e a perspectiva de expansão duraram até a aposentadoria de Beuve-Méry. Alguns fatores contribuíram para a crise do modelo de negócio. A expansão do quadro de funcionários e a concessão de benefícios em busca

[4] Semanário católico francês, fundado em 1924 com o nome de La Vie catholique. Hoje o grupo Le Monde detém parte de seus direitos.

de legitimação por parte dos novos gestores conflagraram a primeira crise, que se instaurou no início dos anos 80. Em 1985 houve o primeiro aporte de capital privado no grupo, o que reduziu a razão da participação dos jornalistas nos lucros líquidos.

Contudo outros óbices desencadearam o enfraquecimento de toda a mídia impressa francesa. O maior canal de televisão do país, TF1, foi privatizado em 1986 e gradualmente foi absorvendo a fatia de publicidade que fora destinada aos periódicos. Para tentar conquistar público renovado o Le Monde passou por duas reformas gráficas em sete anos (BENSON, 2004) e se aproximou do estilo visual do adversário Libération. Bourdieu (1997, p. 32) observa que a autonomia dos jornais franceses foi deposta em nome da homogeneidade da ditadura das audiências. Os meios de comunicação como um todo passaram a se refletir, dando ênfase aos enunciados produzidos pela televisão. Sob esse aspecto os circuitos do campo jornalístico podem negligenciar o desenvolvimento de sua autonomia e se render aos ditames mercadológicos, afora prescindir das conquistas do ramo que outorgam a pluralidade e, em apologia a uma realidade que lhe é de todo superior, o ideal democrático.

No entanto, Benson (2004) critica a hipótese de que o diário francófono passa por um processo de norte-americanização de seu conteúdo. O fenômeno antes se caracterizaria por uma busca de independência baseada nas garantias de anúncios publicitários, na qual a competição por vendas supõe uma inclinação ao sensacionalismo e ao paradigma de objetividade do jornalismo estado-unidense.

A decadência dos jornais impressos atribui-se diretamente à oferta gratuita de conteúdo pela web. Em abril de 2010 a crise tomou proporções maiores. Mesmo com direitos a então 29,58% do lucro, os jornalistas realizaram greve e impediram o hebdomanário de circular pela segunda vez desde sua criação. O plano de reestruturação havia sido rejeitado, pois incluía a demissão de 130 funcionários. Mas a ação só adiaria a próxima negociação, o deficitário Le Monde devia mais de 100 milhões de euros.

Os três maiores veículos impressos franceses[5] sofreram de modo parecido uma privatização. Isso em apenas seis anos (CASTILHO). O Le Figaro agora pertence ao empresário da indústria bélica, Serge Dassault. Já Libération, fundado por intelectuais de esquerda como Jean-Paul Sartre, foi adquirido pelo banqueiro Edouard de Rothschild. O episódio culminante da investida do setor privado veio com o consórcio entre Pierre Bergé, Xavier Niel e Matthieu Pigasse (DUARTE-PLOM II), que teve a

[5] Em tiragem. Le Monde: 424.646. Le Fígaro: 403.133. Libération: 163.998. Dados de 2008/2009. (ASSOCIATION POUR LE CONTRÔLE DE LA DIFFUSION DES MEDIA).

oferta aceita pelos acionistas do Le Monde. Antes de ocorrer, o acerto foi o pivô de uma crise envolvendo o presidente francês, Nicolas Sarkozy, que sentiu-se ameaçado pelo histórico de crítica do seu governo por parte dos compradores (O GLOBO).

4. CAMPO DE CONFLITO IDEOLÓGICO

A essa manifestação do presidente francês, que em um exame desatento passaria sem reflexão, precisa-se problematizar. De acordo com o noticiário, Sarkozy teria se oposto a compra do grupo Le Monde por uma união de empresários ligados à esquerda. Como poder de barganha ele possuía um pacote de ajuda estatal que a gráfica do impresso receberia. O diretor do diário, Eric Fotorrino, não revelou os detalhes da conversa - que de fato ocorreu após o anúncio de que o veículo passaria por uma recapitalização. Sarkozy não se mobilizou por suspeitas vagas. Um dos novos acionistas, Pierre Bergé, é colaborador da candidata à presidência derrotada nas últimas eleições, Ségolène Royal; enquanto outro, Xavier Niel, o 12º mais rico da França, financia três sites de jornalismo com cunho anti-Sarkozy[6].

Precisamente aqui, a interferência do poder político sobre a imprensa requer duas observações: o reconhecimento do poder de difusão de ideologia que ela empreende e a ameaça à autonomia da esfera pública.

A Escola de Frankfurt compreendia que as técnicas são empregadas segundo sua função na lógica econômica. Deturpados por essa falsa consciência do que seria uma indústria cultural, os interlocutores dos meios de comunicação seriam persuadidos a endossar os sentidos comerciais. Marcuse, ao reconsiderar esse aspecto, disse que as formas ideológicas das mercadorias da indústria não são necessariamente a dos consumidores (RÜDIGER, 1999: p. 144). E, de fato, a crítica aos teóricos alemães daquele período se aplica sobre o modo como eles supervalorizaram a interação dos meios de comunicação de massa, desenhando-os como máquinas de transmissão de mensagens. Rüdiger compreende que:

> O movimento todo-poderoso que emana dessa indústria esquematiza em escala cada vez maior a subjetividade, mas isso não implica a absoluta eliminação da espontaneidade. A reprodução da indústria cultural por parte dos sujeitos é um movimento precário e que carrega consigo as forças que em princípio, poderiam livrá-lo da regressão (1999, p. 160).

[6] Bakchich, Terro Eco e Mediapart (DUARTE-PLOM).

Complementando a crítica de Kellner (2001) ao marxismo de Gramsci e Lukács, a concepção de ideologia como princípio comunicativo de um grupo dominante não se restringe ao capital econômico desses sujeitos. Contudo é insuficiente o posicionamento de Kellner quando se opõe ao entendimento da economia como força motriz da ação comunicativa ideológica, circunscrita numa luta de classes. É verdade que a capacidade de mobilização da mídia se concentra sobre os portadores da riqueza material; em última análise, essa hegemonia se prestará de acordo com uma hierarquia simbólica, em vez de explicitar interesses econômicos. A discriminação correspondente a gêneros como masculino/feminino, velho/novo, nativo/estrangeiro é, antes de tudo, uma reação de segmentos da esfera pública no intento de conservar seu poder econômico. A criação de discrepâncias é uma estratégia para separação do grupo dominado. Essa colocação Adorno e Horkheimer compreenderam bem, sem sequer terem sido desenvolvidas pesquisas empíricas sobre a comunicação de massa.

Kellner eleva a discussão para a teoria da cultura:

> A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Produz representações que tentam induzir anuência a certas posições políticas, levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias "o modo como as coisas são" (2004: p. 81).

A esfera política avança então rumo ao condicionamento da esfera pública. Nos escritos de Thompson ressalta-se que o conteúdo ideológico dos meios de comunicação é produzido de um sujeito para outro sujeito, de acordo com o aspecto intencional das formas simbólicas (1995, p. 183). A compreensão disso depende de outros fatores de complexidade elevada. A figura do produtor normalmente fica imersa sob diversos círculos sociais aos quais participa e pelos quais é influenciado. Não cabe isolá-lo como método para análise, sim compreendê-lo segundo suas inclinações, mesmo inconscientes. O objeto para essa abstração são os signos utilizados no enunciado e a estrutura, ordenação, que recebe. O autor elabora em função disso uma tese, tomada como referência a chamada era das novas mídias contemporâneas.

> O desenvolvimento da comunicação de massa aumenta, significativamente, o raio de operação da ideologia nas sociedades modernas, pois possibilita que as formas simbólicas sejam transmitidas para audiências extensas e potencialmente amplas que estão dispersas no tempo e no espaço (RÜDIGER,1995: p. 343).

Na disputa pelo poder, as estratégias que consolidam a dominação são aquelas que compartilham da linguagem dos meios de difusão. Em discordância de uma análise crítica, os meios de comunicação fornecem a legitimação política de seus conteúdos, o que por extensão enfraquece o campo de atuação dos atores políticos de direito (BOURDIEU, 1997). A partir dessa visão há de se evitar qualificar Sarkozy como censor, sua finalidade poderia se dizer uma alternativa ao discurso de um poder paralelo estabelecido, a imprensa.

Contudo, outro problema se delineia se houver associação entre meios de comunicação e a esfera política. Caso esse fenômeno venha a ocorrer, dois valores históricos do campo jornalístico se tornam questionáveis, a liberdade de expressão e fiscalização das ações do Estado. Fica previsto desde o próprio surgimento dos jornais o papel de discussão do poder político em um eixo não institucionalizado. No argumento de Kant, limitar a publicidade dos acontecimentos pode interessar somente ao auto-confinamento das sociedades secretas, os *arcana imperii*[7]. Obviamente não recai sobre um único modelo de comunicação tamanha responsabilidade. Somente Le Monde não consegue de forma alguma derrubar um presidente ou elegê-lo.

Do mesmo modo, porém, a concentração da comunicação em nome de grupos pequenos só vislumbra o ônus de enfraquecer a esfera pública e despolitizar – no sentido de esvaziar a crítica – as formas simbólicas de seus enunciados. Se a monopolização dos meios já sufocaria a pluralidade de visões, ainda o controle de um grande jornal, a rigor, por uma classe política situacionista trará conseqüências perniciosas. Na visão de Habermas a consciência de si da esfera pública é realizada através da formulação de um conjunto de postulados legais, mas a mediação necessária para isso é feita pela esfera literária, ou seja, a materialização da consciência social é uma prerrogativa dos meios literários.

Importa saber e agregar ao exposto anteriormente a noção de sentido evidente e sentido latente. A estratificação das mensagens, visto que elas não podem ser admitidas no aspecto de indústria cultural como um somatório, pressupõe escamotear seu interesse ou torná-lo explícito (ADORNO apud WOLF, 2005). A isso decorre uma diferenciação entre Le Monde e Libération. No que concerne o primeiro, passava, até ser comprado por investidores, através de uma crescente onda de objetividade e sensacionalismo, em perseguição a maiores parcelas de mercado. Enquanto o segundo mantém-se declaradamente um veículo de esquerda. A priori, a apreensão dos sentidos difundidos

[7] Segredos do império

pelo Le Monde escapa à consciência crítica dos leitores, conferindo à opinião pública um contorno tanto mais alheio a ela quanto faria o Libération.

5. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ASSOCIATION POUR LE CONTRÔLE DE LA DIFFUSION DES MEDIA. **DÉCLARATIONS DE DIFFUSION SUR L'HONNEUR.** Book 2008/2009 Presse Payante Grand Public. Disponível em: <http://www.ojd.com/dyn/_files/books/181-Book-20082009-Presse-Payante-GP.pdf>. Acessado em: 17 de julho de 2010.

BENSON, Rodney. **La fin du Monde?** Tradition and change in the French press of address in French Politics, Culture & Society, Vol. 22, No. 1, Spring 2004. Disponível em: <http://steinhardt.nyu.edu/scmsAdmin/uploads/000/731/Benson%20le%20monde%20best%20copy.pdf>. Acesso em: 17 de julho de 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CASTILHO, Carlos. **Novos milionários assumem jornais em meio a dúvidas sobre seus reais interesses na imprensa**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/blogs.asp?id={AA0D279D-1CF4-45C9-9DA0-BF2F901C79D7}&id_blog=2>. Acessado em: 17 de julho de 2010.

DUARTE-PLOM, Leneide. **Crise coloca independência em risco**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=481IMQ004>. Acessado em: 17 de julho de 2010.

_____ (II). **Os três mosqueteiros que salvaram Le Monde.** Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=597IMQ001>. Acessado em: 17 de julho de 2010.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

O Globo. Sarkozy pressiona contra esquerda no 'Le Monde'. 12/06/2010. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2010/06/12/sarkozy-pressiona-contra-esquerda-no-le-monde-916862045.asp>. Acessado em 17 de julho de 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade**: Adorno e a Escola de Frankfurt. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. **Introdução à teoria da comunicação**: problema, correntes, autores. São Paulo: Edicon, 1998.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.